

OS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DA BAÍA DO ALMIRANTADO, ANTÁRTICA

PAULO E. A. S. CÂMARA*
Professor

CARLOS VALOUSSIÈRE C. BRANDÃO**
Historiador

PETER CONVEY***
Biólogo

KEVIN ROBERTS****
Biólogo

SUMÁRIO

Introdução
A Base G
As cruzes
A antiga baleeira
Conclusão

INTRODUÇÃO

Com cerca de 1.150 km² e localizada a 125 quilômetros da Península Antártica, a Ilha Rei George (62°02'S 58°21'W) é a maior das ilhas que compõem o arquipélago das Shetlands do Sul.

O Capitão William Smith (1790-1847) desembarcou na ilha em 16 de outubro de 1819, tomando posse em nome da Coroa britânica. Entre dezembro de 1819 e janei-

ro de 1820, o local foi visitado e mapeado por Edward Bransfield (1785-1852), a bordo do Navio Mercante (a serviço da Royal Navy) *Williams*. No inverno de 1820-1821, 11 tripulantes, incluindo o Comandante Clarke, do navio *Lord Melville*, ficaram presos na Ilha Rei George, em Esther Point, no que viria a ser a primeira internada antártica de que se tem notícia. Apesar da rudeza do clima e da pouca preparação para tal situação, todos foram

* Docente no Departamento de Botânica da Universidade de Brasília, coordenador de Projeto no âmbito do Programa Antártico Brasileiro (Proantar). Egresso da Escola Superior de Guerra.

** Acadêmico do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

*** Professor Doutor e Individual Merit Senior Research Scientist do British Antarctic Survey (BAS).

**** Assistant Archivist/Records Manager do BAS.

resgatados com vida no verão do ano seguinte. À época, o maior interesse naquela região inóspita era a caça de baleias e focas, atividade altamente rentável e que continuou forte até o século XX. No ano de 1908, a ilha passa a ser administrada pelo Reino Unido como parte das Falkland Islands Dependency, sendo visitada apenas nos verões, até o estabelecimento de sua primeira estação científica, em 1947, na Baía do Almirantado.

A Baía do Almirantado é definida por um grande fiorde com 360 km² e, por ser uma área abrigada, serviu de porto a diversas expedições de caça e de exploração ao longo dos séculos XIX e XX. Seu nome foi dado pelo capitão britânico George Powell (1794-1824), em 1822. Atualmente, toda a área é designada como Área Antártica Especialmente Gerenciada (em inglês, *Antarctic Specially Managed Areas* – ASMA 1), que conta, ainda, com uma Área Especialmente Protegida (em inglês, *Antarctic Specially Protected Area* – ASPA 140). Cinco países, membros consultivos do Tratado Antártico, possuem programas científicos em andamento no local (Brasil, Estados Unidos da América, Equador, Peru e Polônia), sendo que apenas o Brasil e a Polônia têm estações permanentes ali (Estação Antártica Comandante Ferraz – EACF e Arctowski, respectivamente).

Com a criação do Programa Antártico Brasileiro (Proantar), em 1982, pela Marinha do Brasil (MB), inaugurou-se a EACF em fevereiro de 1984, na Península Keller. A referida estação foi destruída por um incêndio em 2012, sendo reinaugurada em janeiro de 2020 (Mattos & Câmara 2020). Localizada ao lado da EACF está uma das áreas menos conhecidas, menos visitadas e menos compreendidas da Baía: são as chamadas “ruínas da antiga estação baleeira” (na verdade uma antiga

base de pesquisas britânica), hoje quase invisíveis. Tais ruínas incluem um velho barco baleeiro, restos de fundações do que teriam sido duas construções e um pequeno cemitério com sete cruzeiras simbólicas lembrando os que deram suas vidas no cumprimento do dever naquela região.

É propósito deste trabalho lançar luz sobre as atividades que ocorreram na Península Keller antes do estabelecimento da EACF, esclarecendo a real natureza da antiga base que ali existia, bem como sobre as cruzeiras mencionadas. Além disso, o artigo visa explicar, ainda que resumidamente, a rivalidade entre a Argentina e o Reino Unido, o que motivou uma acelerada presença na região.

A BASE G

Vale destacar que, desde o início do século XIX, a Inglaterra procurou estabelecer presença no sul do continente americano, garantindo participação no jogo diplomático internacional naquela região e assegurando rotas comerciais. O primeiro grande passo foi dado com o domínio efetivo das Ilhas Malvinas, ou Falklands, a partir da década de 1830 pela Grã-Bretanha.

Diante desta situação, o governo de Buenos Aires via com suspeita a presença europeia, cada vez mais constante nos mares ao sul do continente, e, portanto, em seu território. Para garantir maior controle dos mares além do Estreito de Magalhães, a Argentina opta por também marcar ali sua presença, ainda que simbolicamente. Assim, a Base G, em estudo neste artigo, simboliza a antiga rivalidade entre os dois países ao longo de mais de dois séculos.

Desse modo, a Inglaterra foi instigada a aumentar e, sobretudo, a tornar efetiva sua permanência na região a partir da segunda metade do século XIX, sempre em competição com a Argentina. Já no século XX,



Figura 1 – Antiga Base G, década de 1970. Imagem: cortesia do British Antarctic Survey

dentro do contexto geopolítico da época pós-guerra, alguns países lançaram reclamações territoriais sobre regiões específicas da Antártica. Alguns casos tornaram-se mais emblemáticos pela rivalidade internacional que deixavam transparecer e, não raro, havia clara sobreposição de interesses. Foi o caso do Reino Unido, que reclamava soberania sobre parte da Antártica já em 1907, sendo este o primeiro país a fazê-lo, e posteriormente da Argentina, que reivindicava, em 1940, soberania sobre um território com larga coincidência com o pleito britânico (CÂMARA & MELO 2018). Os argentinos passaram a chamar a Ilha Rei George de Isla 25 de Mayo, toponímia em uso por eles até os dias atuais.

Sob a égide de ali realizar pesquisas científicas e para marcar sua presença no que considera parte de seu território, o Reino Unido, por meio da Falkland Islands Dependencies Survey (FIDS), inicia a construção de uma série de estações científicas, organizadas por ordem alfabética, sendo a primeira Port Lockroy (Estação A), localizada na Ilha Wiencke (Shetland do Sul), em 1944.

A primeira ocupação humana permanente na Ilha Rei George, na Baía do Almirantado, foi a “Estação G”, a 11ª estação a ser criada, em 1947. No ano seguinte, a Argentina estabelece nas redondezas (Península Keller) sua própria estação, o que levou os britânicos a expandirem a sua já em 1949. A Argentina desmobilizou sua estação na Baía definitivamente ainda na década de 1950.

A Estação G (Figura 1), inicialmente composta por duas estruturas, passou por remodelagens em 1948, 1950 e 1956, tendo sido desmobilizada em 1961. Entre julho de 1995 e fevereiro de 1996, foi removida pela MB, pois apresentava risco de desmoronamento.

A Estação G era mantida por cientistas britânicos, principalmente das áreas de Glaciologia e Meteorologia, não sendo, portanto, de forma alguma uma “antiga estação baleeira”, como se tornou comum acreditar ao longo dos anos. Dados científicos ali coletados constituíram publicações científicas de valor e estão em uso até os dias de hoje. Sua localização era praticamente coincidente com a atual EACF (Figuras 2 e 3); por isso, dados



Figura 2 – Vista panorâmica da nova EACF. A seta indica a localização da antiga Estação G. Foto do autor (2020)

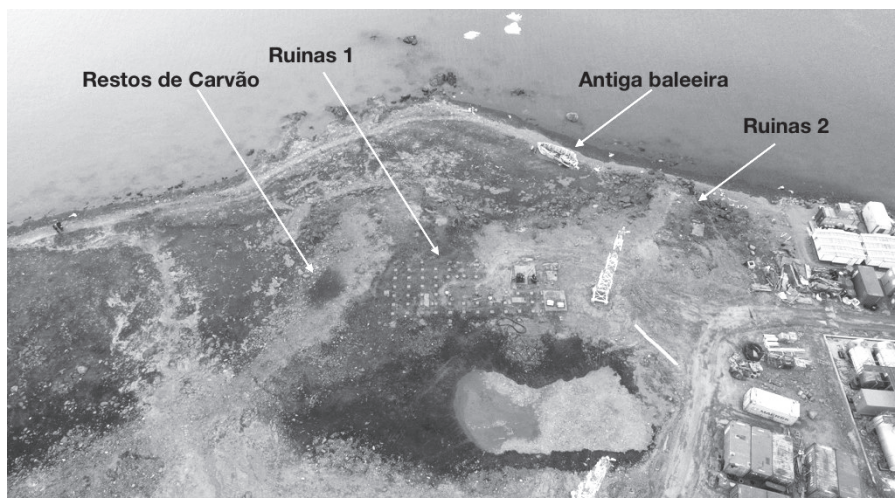


Figura 3 – Ruínas da antiga Estação G, vistas de cima. Foto do autor (2020)

meteorológicos coletados pela Estação G permitem a comparação com os dados coletados atualmente.

Nos dias de hoje, podem ser vistos apenas restos das fundações (Figura 4) e de ocupação humana, tais como carvão (utilizado para aquecimento e para cozinha), além de anzóis e cartuchos de projetis. Existe ainda uma baleeira, tipo

de embarcação em madeira. Talvez a existência dessa embarcação seja a origem da crença equivocada de que ali havia uma estação dedicada à caça de baleias. Vale lembrar que baleeira é um tipo de embarcação não necessariamente usada para caça. Não há no local, atualmente, nenhuma placa identificando o local ou que registre sua história.



Figura 4 – Ruínas da antiga Estação G. Foto do autor (2020)

AS CRUZES

Não longe da EACF e das ruínas da Estação G e composito, de forma sombria, a paisagem, existe um pequeno cemitério (Figura 5) com sete cruzes. Sua localização próxima e de avistamento fácil por toda a redondeza serve como lembrança dos perigos inerentes à atividade polar.

As três cruzes da frente são melhor conhecidas pelos brasileiros, sendo duas em honra aos militares que deram suas vidas durante o combate ao sinistro de 2012, que viria a destruir a EACF; a outra é em memória de outro militar brasileiro que morreu enquanto servia na Estação, durante o inverno de 1995. Vale ressaltar que os corpos dos militares brasileiros não se encontram ali, pois foram sepultados no Brasil; portanto, as cruzes são apenas simbólicas.

As demais cruzes são britânicas. Delas

falaremos um pouco mais por serem bem menos conhecidas. Relembram quatro cientistas britânicos (Figura 6) que morreram enquanto trabalhavam na Estação G:

– Eric Platt, geólogo e chefe da Estação, morto em 10 de novembro de 1948, com 22 anos, próximo ao Nunatak Needle, local conhecido pelos brasileiros como “teta da nega”, de um ataque do coração aparentemente causado por exaustão. Seu corpo ainda repousa naquele cemitério.

– Ronald Gordon Napier, morto em 24 de março de 1958, com 33 anos, era assistente-geral e servia na Ilha Signy (Orcadas do Sul). Chegando na Estação G, ao desembarcar do navio *RRS John Biscoe* à noite, seu pequeno bote virou e seu corpo nunca foi encontrado. Portanto, sua cruz é apenas simbólica.

– Alan Sharman, meteorologista, perdeu a vida em 23 de abril de 1959, com 23 anos, ao cruzar a Península Keller pelas elevações, entre a praia da Enseada McKellar e a Estação G. Teria deslizado pelo gelo e caído de um precipício. Foi sepultado naquele cemitério, onde seu corpo permanece até hoje.



Figura 5 – Cemitério nos arredores da EACF. Foto do autor (2020)



Figura 6 – a) Ronald Napier, b) Dennis Bell, c) Alan Sharman, d) Urna de Alan Sharman e e) Sepultamento de Alan Sharman no cemitério da EACF onde ainda repousa.

Imagens disponíveis na internet: <https://www.antarctic-monument.org/>

– Dennis Ronald Bell, conhecido como Tink, morreu em 26 de julho de 1959, com 25 anos. Era geólogo e perdeu a vida ao cair na greta de uma geleira. Não tendo sido possível resgatá-lo, seu corpo permanece na greta até hoje. Sua cruz é, também, simbólica.

A ANTIGA BALEEIRA

A origem dessa embarcação (Figura 7) é incerta. Atualmente, ela está localizada em frente às ruínas da Estação G, próximo ao local conhecido como “Baleia de Jacques Cousteau”, tendo sido colocada ali recentemente e por motivos estéticos, não estando necessariamente relacionada à existência da estação. É nosso entendimento que esse tipo de embarcação não era usado nas bases britânicas, e também

não existe nenhum registro de alguma embarcação que pertencesse à Estação G.

Sabe-se, pelo grande número de ossos de baleias e por registros históricos, que a região da Baía do Almirantado era frequentada por baleeiros que ali caçavam. Provavelmente, a embarcação é daquela época, ou seja, bem anterior ao estabelecimento da Estação G e que deveria já estar ali quando esta foi estabelecida, tendo, provavelmente, sido abandonada pelos caçadores de baleia antes da construção existir. Ressaltamos que não há registro da existência de estação baleeira na Baía do Almirantado.

CONCLUSÃO

Motivados pela falta de conhecimento e pela natural perda das informações pelo



Figura 7 – Antiga baleeira próxima à EACF. Foto do autor (2020)

tempo, esperamos ter aqui trazido à luz a história das esquecidas ruínas da antiga Estação G, esclarecendo sua origem, finalidade e história. Longe de ser uma estação baleeira, foi a primeira estação científica da Ilha Rei George e também a primeira ocupação humana permanente nesta que é a maior das ilhas Shetlands do Sul. Embora o nome “Base G” tenha se perpetuado ao longo do tempo, sua denominação correta seria Estação G, como é comum em construções polares dedicadas à ciência.

Também falamos um pouco das pessoas que ali perderam suas vidas, antes da ocupação brasileira na Baía do Al-

mirantado. Quando chegamos no local, muitas coisas já haviam acontecido, e essa memória deve ser preservada, pois trata-se da história não só de homens, mas também de Estados que atuam em um contexto geopolítico cada vez mais estratégico, haja vista as riquezas ainda virgens que estão no subsolo da região.

Agradecimentos

Agradecemos ao Proantar, à Marinha do Brasil, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<ÁREAS>; Antártica; Estação Antártica Comte Ferraz;

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA, Paulo E. A. S.; MELO, R. B. “Brasil na Antártica, os próximos 30 anos”. *Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 33, n. 68, p. 64-8, 2018.
- MATTOS, L.; CÂMARA, Paulo E. A. S. “A ciência antártica como ferramenta geopolítica para o Brasil”. *Revista Marítima Brasileira*, v. 140, p. 15-23, 2020.